



7 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 11 de junho de 2026

Bolsas Na quarta-feira	Pontuação B3 IBovespa nos últimos dias	Dólar Na quarta-feira	Salário mínimo Últimos	Euro Comercial, venda na quarta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,7% São Paulo	169.019	R\$ 5,172 (-0,09%)	3/junho 5,066 5/junho 5,157 8/junho 5,18 9/junho 5,177	R\$ 5,97	14,40%	14,35%	Dezembro/2025 0,33 Janeiro/2026 0,33 Fevereiro/2026 0,70 Março/2026 0,88 Abril/2026 0,67
1,87% Nova York	168.619						

MERCADO DE TRABALHO

População 60+ já é um quarto da mão de obra

Estudo baseado na Pnad aponta que mais da metade desses trabalhadores está na informalidade, em número acima da média nacional

» PEDRO JOSÉ*

Arquivo pessoal



Stella Maris e o marido Neidacir: ela diz que o trabalho melhora a autoestima, ele reclama das contas para pagar

A participação dos brasileiros com 60 anos ou mais no mercado de trabalho atingiu o maior patamar da década. Levantamento inédito da Nexus, com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que a chamada Geração Prateada ampliou sua presença nas atividades econômicas entre 2016 e 2025.

Atualmente, um em cada quatro brasileiros com 60 anos ou mais está trabalhando, o equivalente a uma taxa de ocupação de 25%. Em números absolutos, o contingente de idosos ocupados passou de 5,7 milhões para 8,7 milhões de pessoas no período — crescimento de 53%.

O avanço ocorreu em ritmo superior ao aumento da própria população idosa. Enquanto o número de trabalhadores dessa faixa etária aumentou 53%, a população com mais de 60 anos avançou 37% ao longo da década.

Apesar do recorde de ocupação, os dados apontam para um cenário marcado pela precarização. Mais da metade dos trabalhadores idosos, cerca de 53%, atua na informalidade, como autônomo (sem carteira assinada) ou em atividades temporárias, fazendo bicos.

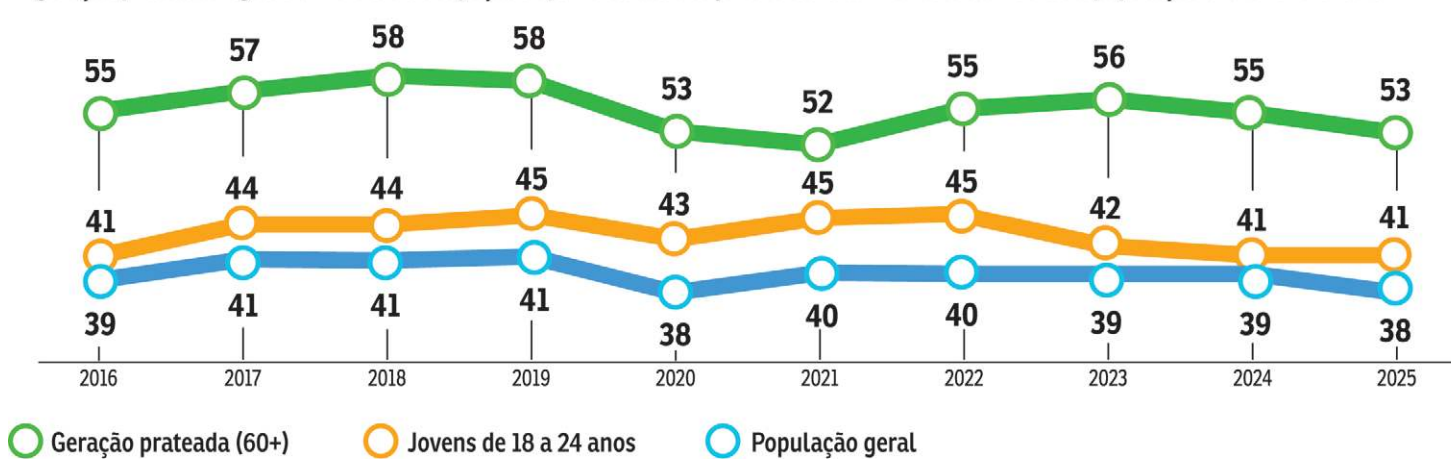
A taxa é superior à média nacional de informalidade, que ficou em 38% no ano passado. O resultado sugere que o prolongamento da vida profissional de muitos brasileiros se dá sem garantias trabalhistas e fora das redes tradicionais de proteção social.

“A diferença entre o crescimento da população 60+ e a expansão ainda mais acelerada da ocupação nessa faixa etária mostra que estamos diante de uma mudança relevante no mercado de trabalho brasileiro. O aumento da longevidade ajuda a explicar parte desse movimento, mas os dados indicam que a permanência dos idosos na atividade econômica está associada, também, a fatores como a necessidade de complementar renda, as transformações nas regras de aposentadoria e o maior custo de vida”, avalia o CEO da Nexus, Marcelo Tokarski.

O levantamento também revela que a taxa de desemprego entre pessoas com 60 anos ou mais caiu de 4% para 2% entre 2016 e 2025. Embora o indicador possa sugerir um mercado mais aquecido para esse público, Tokarski acredita

Geração acima de 60 anos teve maior média de trabalhadores informais

A geração prateada registrou índices de ocupação superiores aos dos jovens de 18 a 24 anos e da média da população entre 2016 e 2025.



Fonte: Nexus e Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - IBGE.

Valdo Virgo/CB/D.A Press

que a redução está ligada, em grande parte, à necessidade de aceitação rápida de trabalhos informais.

“O baixíssimo desemprego entre a geração 60+ não reflete, necessariamente, um mar de oportunidades, mas a realidade de um público que não pode se dar ao luxo de permanecer desocupado. Enquanto o jovem muitas vezes consegue focar nos estudos ou prolongar a busca pela vaga ideal, o 60+ migra rapidamente para a

informalidade. Para mais da metade desses profissionais, entrar na terceira idade trabalhando significa estar fora do regime CLT, o que evidencia que a qualidade e as garantias dessa ocupação permanecem como grande desafio estrutural”, aponta Tokarski.

Entre os fatores que explicam a permanência ou o retorno dos idosos ao mercado estão o aumento da expectativa de vida, as mudanças nas regras de

aposentadoria, a necessidade de complementar a renda familiar e o aumento do custo de vida.

Mudança demográfica

Para o economista Newton Marques, professor da Universidade de Brasília (UnB), o aumento da participação dos idosos no mercado de trabalho está diretamente relacionado às mudanças demográficas observadas nas últimas décadas.



O baixíssimo desemprego entre a geração 60+ não reflete a realidade de um público que não pode se dar ao luxo de permanecer desocupado. Enquanto o jovem, muitas vezes, consegue focar nos estudos ou prolongar a busca pela vaga ideal, o 60+ migra rapidamente para a informalidade”

Marcelo Tokarski, CEO da Nexus

O especialista destaca que a permanência desse público no mercado não está ligada apenas à necessidade financeira. Em muitos casos, empresas têm valorizado profissionais mais experientes. “Há organizações que preferem contratar pessoas mais experientes. Em determinadas atividades, a capacidade intelectual e o conhecimento adquirido ao longo da carreira acabam sendo mais relevantes do que limitações físicas que eventualmente possam existir”, explica.

Segundo ele, a inflação acumulada ao longo dos anos e o aumento do custo de vida têm pressionado especialmente essa parcela da população. “O valor da aposentadoria muitas vezes não acompanha o aumento das despesas. Os idosos costumam ter gastos mais elevados com medicamentos, consultas médicas e planos de saúde, o que acaba levando muitos deles a permanecer economicamente ativos mesmo após a aposentadoria”, conclui.

Opção ou necessidade?

A trajetória da costureira Stella Maris Guidini, 62 anos, ilustra essa realidade. Moradora de São Lourenço do Oeste (SC), casada com o motorista Neidacir Guidini (também com 62 anos) e mãe de dois filhos, Stella afirma que a permanência no mercado de trabalho vai além da necessidade financeira. “O que me motiva é ainda ser capaz de fazer alguma coisa. Para mim, trabalhar é uma escolha e também uma necessidade. O trabalho, para mim, é uma questão de autoestima: faz com que eu me sinta bem e útil na sociedade. Não quero parar de trabalhar. Quero me manter ativa enquanto eu puder, pois isso para mim é saúde”, afirma.

O marido dela trabalha como motorista há 20 anos e segue na ativa por necessidade financeira. “O que me motiva a trabalhar após os 60 anos é que ainda não me aposentei, tenho financiamentos e uma casa para pagar. O custo de vida é muito alto”, lamenta.

Ele já pensou em parar, mas os boletos não deixam. “Quem vai trabalhar no meu lugar e pagar a comida?”

O motorista também reclama do cansaço acumulado. “A situação está cada vez pior e com menos valorização. Somado a isso, enfrente o desafio físico da profissão, pois sinto que estou perdendo as forças.”

*Estagiário sob a supervisão de Vinicius Doria

Contratação de jovens aprendizes dispara

O mercado de trabalho brasileiro registrou, no primeiro trimestre de 2026, o melhor desempenho da série histórica do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) para a contratação de jovens aprendizes. Entre janeiro e abril, o saldo positivo superou 54,8 mil novas admissões, elevando para 726.025 o número de contratos ativos de trabalhadores com idade entre 14 e 24 anos. Os dados foram divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Segundo João Victor da Motta, diretor de Políticas de Trabalho para a Juventude da pasta, o resultado reforça a importância dos programas de aprendizagem como ferramenta de inclusão profissional. “Esse processo consolida a aprendizagem profissional como a mais importante ferramenta de inserção profissional de jovens brasileiros, de forma segura e protegida, com garantia de direitos trabalhistas e a oportunidade de aprender com o trabalho”

A Indústria foi o setor que mais impulsionou a geração de vagas no

período. Sozinha, a atividade respondeu por mais de 35,7 mil novos contratos de aprendizagem, ficando à frente dos setores de Serviços, Comércio, Construção Civil e Agropecuária. As funções mais ocupadas pelos aprendizes concentram-se em atividades administrativas e em áreas ligadas à produção industrial.

As mulheres representam a maioria dos vínculos ativos, com participação de 52,91% do total de aprendizes. Em relação à autodeclaração de cor e raça, predominam

jovens pardos, que correspondem a 47,22% dos contratos, seguidos pelos brancos, com 41,59%.

A faixa etária mais presente no programa é a de adolescentes com até 17 anos, que representam cerca de 65,6% dos aprendizes ativos. Já os trabalhadores com mais de 25 anos correspondem a apenas 0,36% do total. Nesse caso, a participação é formada exclusivamente por pessoas com deficiência, público que não está sujeito ao limite de idade previsto nas regras da aprendizagem profissional.

A aprendizagem profissional é regulamentada pela Lei nº 10.097/2000, conhecida como Lei da Aprendizagem. O vínculo exige a assinatura da carteira de trabalho e possui duração máxima de até dois anos. Durante esse período, os jovens têm acesso às proteções trabalhistas previstas em lei, incluindo 13º salário, recolhimento de 2% do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e remuneração calculada com base no salário mínimo por hora trabalhada.

A legislação também estabelece regras específicas para a jornada de trabalho. O limite é de seis horas diárias para jovens que ainda não concluíram o ensino médio e pode chegar a oito horas para aqueles que já finalizaram essa etapa de ensino. Além disso, as férias do contrato de aprendizagem devem coincidir com o período das férias escolares. A lei ainda proíbe que menores de 18 anos sejam submetidos a trabalho noturno, entre 22h e 5h, ou a atividades consideradas insalubres ou perigosas. (PT*)